

Nathalia Bottino e Luciana Carvalho eram ainda estudantes de cinema quando decidiram realizar um curta-metragem sobre um grupo de personagens de Harry Potter chamados de Marotos. O curta foi abandonado, mas a partir da sugestão de um dos atores integrantes, surgiu a ideia que levaria à websérie *Marotos: Uma História* a existir.

Junto com Flora Martins, as duas iniciaram o roteiro de uma websérie independente que hoje já possui um total de 3 episódios completos e foi agregando cada vez mais integrantes para a conclusão da obra. Nessa entrevista, podemos observar a jornada de Nathalia e Luciana diante dos prazeres e dificuldades na realização de uma produção independente.

Meliah- É muito difícil ver produções brasileiras de ficção ou fantasia sendo realizadas. A falta de referências desse estilo atrapalhou vocês em algum momento ou já fez vocês pensarem em voltar atrás, por conta, também, da falta de patrocínio à cultura no país?

Nathália: A gente nunca recebeu essa pergunta na vida! É uma pergunta maravilhosa! No início foi muito difícil porque a gente se perguntou como fazer tudo em questão de produção. Essa questão de representatividade, nós realmente nunca vimos ninguém fazendo, apesar de termos a base do universo original. Quando a gente começou não tínhamos noção de como era difícil.

Luciana: Além disso, a gente teve que lutar muito para conseguir patrocínio, muita gente não queria patrocinar a gente para não ter problemas com a Warner [produtora dos filmes de Harry Potter]. A questão das referências é que, como Harry Potter tem muito material, eles foram as nossas maiores referências, e fora disso a gente se baseava em conteúdos da cultura pop mesmo, porque do Brasil era algo muito raro. Uma coisa que foi muito difícil para a gente foi achar locações, porque a arquitetura brasileira é muito diferente da britânica e não temos apoio para quase nada.

Meliah- Além dessa questão de ser difícil achar locação no Brasil, aqui a própria cultura é muito desvalorizada. Em relação a essa desvalorização, o que isso afeta na produção de vocês?

Nathália: Eu acho que principalmente isso que ela [Luciana] falou sobre, recebemos pouco apoio comercial. A gente teve que se virar, o único apoio que conseguimos foi de alguns equipamentos que emprestaram para a gente.

Luciana: E teve locações também.

Nathália: Isso, teve alguns lugares que eles não cobraram, mas geralmente a gente sempre gasta com tudo isso: passagem, entrada, equipamentos, figurino e muitas coisas que dependem da doação do público mesmo. O salão comunal e o dormitório são as locações mais difíceis. O dormitório a gente até desistiu depois... Agora no episódio 3, a gente também tentou recriar um grande salão com só uma mesa, que foi a mesa da grifinória, mas a gente acabou achando essa locação, não estávamos tipo: "Vamos procurar um grande salão" porque essas locações demandam muito de arte, cenário e tal, a gente não tem condições de fazer.

Meliah: Acredito que uma das coisas que vocês devem ter cortado foi a questão do quadribol [jogo mágico do universo de Harry Potter], porque imagino como seria complicado, né?

Luciana: [Ri] Eu escrevi várias cenas, mas depois eu vi que era impossível.

Nathália: O que a gente decidiu fazer foi o possível, tipo mostrar a Lily e o Lupin vendo eles jogarem, eles com a camisa e as vassouras, mas sem mostrar o jogo, já que não tínhamos condições de gravar algo assim.

Meliah: E como foi esse processo de escrever os personagens mais jovens e imaturos só com a referência deles mais velhos?

Nathalia: É difícil porque a gente vê muito pouco deles jovens em Harry Potter, são apenas alguns flashbacks. O que a gente fez foi pegar tudo que a gente sabia que ocorria com esses personagens dentro do universo de Harry Potter. Pegamos datas, dados, acontecimentos e outras coisas pra traçar um perfil de como eles seriam e como agiriam em determinada situação.

Luciana: Também tem o fato de que os personagens que a gente escreveu não são os mesmos que vocês vêem na telas. Depois que os meninos [atores] encarnam, os personagens ganham um pouco da essência deles. Por exemplo, o Sirius do Chico, apesar de ter agradado, não é o Sirius que a gente imaginava, é o Sirius do Chico.

Meliah: Falando em Sirius, vocês chegaram a receber alguns feedbacks dos fãs de wolfstar? [shipp de Remo e Sirius]

Luciana: Feedbacks não, a gente chegou a receber ameaças! [risos] Pra mim não tem como, gente, eles não são um casal *cannon*. [não são confirmados oficialmente no universo]

Nathalia: Eu entendo até o Sirius ser bissexual, mas o Remo? Não faz sentido para mim. A gente fez até um vídeo polêmico no canal falando sobre isso, explicando porque a gente não colocou o shipp. Construímos uma versão dos Marotos jovens com base na história oficial, com uma amizade muito bonita, mas vieram chamar a gente de homofóbicos, sendo que a grande maioria do elenco e da produção é LGBT, sabe? E também não é porque não teve wolfstar que não vai ter representatividade na série.

Luciana: E todo mundo sabe como o Sirius termina quando adulto, então uma coisa que se pode ter certeza é que ele vai terminar a websérie solteiro. Além disso, se wolfstar tivesse acontecido quando eles eram jovens, a gente veria a consequência disso em Harry Potter e não vimos!

Meliah- Lembro que vocês começaram com um curta-metragem e depois foram fazer a websérie. Qual a maior diferença entre os dois em questão de produção e realização? Esse curta está em algum lugar, guardado ou publicado?

Nathalia: [Ri] Quando a gente começou a fazer esse curta a gente estava no 4º período da faculdade de cinema e ele foi muito *c*gado*.

Luciana: [Ri] A gente ainda misturou atores e não-atores, porque é muito comum na faculdade de cinema o pessoal não valorizar o ator. Depois de começar a gravar esse curta eu passei a valorizar demais eles, porque dava pra ver a diferença drástica nas cenas. [Gargalha].

Nathália: Depois de a gente tentar e perceber que estava horrível, o ator que fazia o Tiago na época, o Nathan que hoje faz o Frank Longbottom, sugeriu que a gente fizesse uma websérie.

Luciana: Engraçado que a gente foi de um curta de 20 minutos para fazer uma websérie que cada episódio tem bem mais. [Ri] Mas a gente também teve que aprender muita coisa e mudar de acordo com o que era possível ou não.

Meliah: No vídeo de apresentação do João Pedro, o ator atual de Tiago Potter, ele disse que achava que essa produção era um ato de resistência do audiovisual. Acredito que não tem como você assistir Marotos, no cenário de política do Brasil, e não fazer algumas analogias com o contexto social que vivemos por conta dessa polarização da Primeira Guerra Bruxa. Vai ter alguma analogia política mais direta nesse terceiro episódio, principalmente no cenário de eleição em um ano tão importante para o Brasil?

Nathalia: É engraçado que na pré-estreia do primeiro episódio o Nathan disse “quem viu Harry Potter e acha que não é político, viu errado, não entendeu o que é Harry Potter”. Então, a gente quis colocar nesse episódio um pouco mais da questão da Guerra e da política.

Luciana: A gente tinha que pensar “como o Voldemort atua?”. Ele estaria recrutando aliados, desestabilizando as forças bruxas e tal, tentando fazer com que a população gostasse da ideologia dele.

Nathalia: A gente queria colocar também a questão da imprensa, dela não estar noticiando todos os sequestros e desaparecimento das pessoas. A gente colocou o Semanário das Bruxas falando sobre o Dumbledore, quisemos trazer mais isso em forma de notícia.

Luciana: Aí você vai ter personagens como o Remo que são super “não tem como agir dentro da lei bruxa, não podemos contar com o Ministério, tem que fazer guerrilha e mobilizar por fora”. E tem outros personagens que ficam “cara, mas e o Ministro? e os Aurores [semelhante aos policiais no universo de Harry Potter], o que eles estão fazendo sobre isso?”. Tem esses dois pontos de vista e isso foi uma forma que a gente arranjou de mostrar o que eu queria sobre o Pedro [Pettigrew], mostrar que ele não estava completamente seguro do que estava fazendo, mas de forma que ele não parecesse errado ou um covarde. Dependendo do seu ponto de vista, você vai concordar com o Pedro. Mas a gente não vai fazer nenhuma comparação muito clara tipo “olha aqui gente, o nosso governo, o Bolsonaro!”, mas para um bom entendedor...

Nathalia: Meia palavra basta, exatamente! E é isso, a gente sempre bota uns recadinhos também nos jornais. É a forma de trazer informações do que está acontecendo lá fora na Guerra para dentro, porque eles estão no colégio, eles tem que saber através dos jornais.

Cynara: Sobre essa a questão da produção, eu vi que vocês não podem usar financiamento coletivo, então como funciona essa questão das doações do público?

Nathália: No começo do projeto a gente até tinha montado um financiamento coletivo, mas depois descobrimos que as regras da Warner não permitem, aí tivemos que tomar o maior cuidado, só recebendo

doações avulsas. Além de que a gente não pode ganhar com isso, o que dificulta muito o processo de manter a websérie.

Luciana: E o maior problema é que as doações são poucas e muito diferentes. Tem gente que doa valores grandes, mas o ideal seria que muitas pessoas fizessem doações pequenas para ter uma estabilidade.

Cynara: Falando do episódio 3, vocês iniciaram uma campanha para produzir ele. Como é todo esse processo de produção independente e esse cenário de incertezas no Brasil?

Luciana: Cansativo.

Nathalia: [Ri] É bem sofrida. É uma série que a gente tem locações, artes e cenários muito específicos, são coisas caras e a gente ainda depende de doações. Mas tentamos ao máximo facilitar a nossa vida, quando a gente foi rever os roteiros agora, repensamos a necessidade de certos personagens e ambientes.

Luciana: Também tem a questão de conciliar os horários com os atores, porque a gente não paga eles, então no mínimo temos que trabalhar permitindo que eles façam outras coisas. Quando começamos, éramos muito inexperientes, a gente só fazia *m*rda* e passava perrengue, agora eu vejo uma mudança colossal. Nesse [episódio 3] a gente tinha feito a campanha antes, tinha dinheiro pra pagar passagem, iluminação, teste de Covid. Inclusive os atores mais velhos super elogiaram porque acham a produção extremamente organizada e bem preparada, mas é assim agora porque a gente tomou muita porrada!

Meliah: Por conta dos direitos autorais da Warner vocês não podem monetizar muita coisa, inclusive os próprios episódios, mas e os outros vídeos no canal como desafios, entrevistas, etc.?

Nathalia: Esses sim, é basicamente como se a gente fosse youtuber! Inclusive, a gente começou a fazer esses vídeos justamente para conseguir esse dinheiro extra para fazer a websérie, entendeu? Mas os episódios e os trailers a gente não monetiza.

Luciana: E esses outros vídeos são menos visualizados, porque só quem é fã mesmo da série se importa de ver. Eles são menos visualizados que as cenas extras e os episódios... Justamente os que a gente não pode monetizar. Como no Youtube a gente ganha baseado no engajamento e tal, dá uma quebrada.

Cynara: A websérie começou a ser publicada em 2019 e passou pela pandemia. Como foi isso no desenvolvimento da série? Vocês tiveram que diminuir o número de episódios pensados? Vi que a Nathalia disse que a história seria contada até onde vocês tivessem dinheiro para pagar [risadas].

Luciana: Basicamente a gente celebra muito todo episódio que lança, porque nunca sabemos se vai ter o episódio seguinte. No segundo que a gente parar de conseguir o dinheiro, a gente vai parar porque é impossível, literalmente, e a pandemia foi desesperadora. A gente não conseguia gravar, nos organizávamos para voltar quando parecia que a pandemia estava acabando, aí tinha outro surto e a gente tinha que parar tudo de novo... Dava vontade de chorar!

Nathalia: A pandemia começou quando estávamos na metade das gravações do episódio 3.

Luciana: Tem cenas que os cabelos, as barbas e até os atores engordaram ou emagreceram.

Nathalia: E as cenas que a gente escrevia com vários personagens acabou não tendo ninguém porque não podia figurante no set. Olhando pelo lado positivo, foi bom no sentido da gente ter conseguido fazer a campanha, se estruturar e ter tempo para se organizar para fazer as coisas com mais calma. Também foi bom por essa questão da gente poder ter um maior contato com nosso público, começamos a fazer live na twitch, conseguimos mais doações e tal. Então o ponto positivo, se fosse para falar, era esse, mas atrasou tudo! A gente provavelmente já estaria gravando o episódio 6 já, ou o 5.

Cynara: Mas vocês têm um roteiro de episódios até qual? Tem alguma ideia dessa quantidade?

Nathalia: No começo a gente pensou em fazer duas temporadas. [risadas]

Luciana: Uma dentro de Hogwarts e uma fora de Hogwarts.

Nathalia: É, para mostrar a Guerra. A que é fora de Hogwarts teria sido maravilhosa porque a gente não ia ter as locações tão complicadas.

Luciana: Além de que os atores não têm mais cara de adolescentes!

Nathalia: Exato, mas a gente revisou o roteiro e resumiu de 8 episódios para 6 e meio... 6 e $\frac{3}{4}$! [Ri e associa à plataforma 9 $\frac{3}{4}$ de Harry Potter]. Esse episódio teria metade da duração de um episódio normal.

Cynara: Só para terminar esse assunto da pandemia, eu queria saber como foi gravar nesse momento e como vocês fizeram para finalizar.

Luciana: Foi tranquilo.

Nathalia: O que é isso, você tá louca? [pergunta para Luciana rindo]. É porque você não é da produção, você não passa pelos perrengues que a gente passa! Por exemplo: os atores se testavam no dia anterior e às vezes tinha um que não conseguia fazer o teste e tinha que fazer no dia da gravação. Aí a mão chega

tremia, porque se o ator tivesse com Covid, *f*deu*, né? A gente teria que parar a gravação inteira, teria gastado com passagem e tudo atoa. Então já tínhamos certa preocupação com horário, com comida, e veio mais uma para a gente ter: o teste de Covid, se tava todo mundo bem, de máscara, se tinha comprado os equipamentos de segurança como luvas, o *face shield*... Então não foi tranquilo não!

Luciana: Para mim que sou apenas a parte criativa foi tranquilo! Tava tudo muito mais organizado, a gente chegava lá certinho, fazia o teste, entrava, arrumava, gravava, saia, maravilhoso! Marotos nunca foi assim, gente. [risadas]. A única coisa que a gente quebrou muito a cara foi na locação, tinha alguns lugares que não podia gravar por conta da pandemia e tal.

Cynara: Sobre a pré-estreia do 3º episódio ser no cinema, imagino que deve ter deixado vocês muito animadas. Como foi esse processo para conseguir lançar no cinema? Vocês têm alguma estimativa de quanto esse evento vai poder ajudar na questão financeira da produção da websérie?

Luciana: A gente já tinha lançado o 1º episódio no cinema, aí no segundo estava rolando a pandemia.

Nathalia: Exatamente. A gente tá pensando também em arrecadar dinheiro para os próximos episódios, já vai adiantar um dinheirinho no caixa. A gente tem essa expectativa dos ingressos, dos produtos que a gente vai vender com parcerias, além de pensar na divulgação do episódio para que chegue para mais pessoas, não só fãs de Marotos, mas fãs de Harry Potter no geral. A ideia da pré-estreia não é só exibir o episódio 3, vai ter produtores e influenciadores de conteúdo da saga original, além dos estandes, painel com tiktokers famosinhos amigos nossos. Também vai ter outro painel com um convidado ainda não-confirmado, um momento para tirar dúvidas e no final do dia a exibição do episódio.

Cynara: O que “Marotos: Uma história” representa pra vocês, pessoalmente e profissionalmente?

Nathalia: Falando profissionalmente, Marotos foi uma escola pra gente, porque trouxe muito aprendizado de como é fazer audiovisual independente no Brasil, de como é a gente ter que se virar e ter que se adaptar para fazer as coisas acontecerem, então isso deu muita bagagem pra nossa vida profissional. Até porque Marotos acabou tendo uma visibilidade muito grande, chegou para outros criadores de conteúdo, pessoas grandes assim, a gente até começou a frequentar o Youtube Space na época. Então acaba trazendo visibilidade pra gente em relação ao mercado mesmo. Eu brinco assim: “Nossa, se a gente fez Marotos sem dinheiro, imagina o que a gente pode fazer pela sua empresa!”. Em relação a parte profissional é uma faculdade, é aprendizado, networking, é a gente botar a mão na massa e fazer. Em relação à vida pessoal, cara, todos os meus amigos mais próximos hoje em dia vieram de Marotos. Eu vou levar pra minha vida, a gente faz chamada de vídeo e rolê sempre, são as pessoas que eu convivo. Marotos é grande parte da minha vida, com certeza, eu sou muito grata, apesar de ser estressante. Tem várias questões que a gente sente que atrasa nossa vida em até outras coisas, mas eu me sinto muito grata por tudo que a gente conquistou por causa de Marotos, pelo menos eu sou. Fala aí, Lu, faça o seu discurso!

Luciana: Não, eu odeio todo mundo dali [risadas]. Mas falando sério, sempre que eu exponho meu portfólio, Marotos é primeiro lugar. Eu tô fazendo um trabalho agora que me contrataram como roteiro, mas eu acabo ajudando na produção porque eu conheço gente que atua em todas as áreas. Tirando o meu namorado, todos os meus melhores amigos são por conta de Marotos e às vezes isso é complicado, tá? [Ri] Eles tão na minha vida e é difícil trabalhar com pessoas da sua vida.

Nathalia: Às vezes eu falo “Luciana, você precisa ter uma vida fora de Marotos”! [Ri]

Luciana: Mas eu acho que além disso tem uma questão que eu sempre gosto de falar que é: eu sempre quis existir no universo de Harry Potter, e mesmo que isso seja impossível, Marotos é o mais perto que eu já cheguei de existir dentro dele. Realmente parece que eu tenho voz dentro desse universo, que eu conheço os personagens, sabe? É surreal, serei eternamente grata.

O episódio 3 de “Marotos: Uma História” será lançado no canal do Youtube a qualquer momento. Apoie as produções nacionais independentes divulgando, compartilhando e doando. A história precisa da sua contribuição para ter um fechamento! Para mais informações sobre a websérie e a realização das doações acesse o [link](#).